

O Mago

Artur não sabia o que fazer. Era o “homem caleidoscópico”, como lhe dizia, com escárnio feroz, um inimigo. Inimigo complicado, aquele. Artur tentava entender a pessoa e a personalidade, essa “constância comportamental.” Pensava poder distinguir entre “boas pessoas”, “pessoas bem-educadas”, “pessoas com bom feitio”, “pessoas mal intencionadas”. Ele pensava que era uma “boa pessoa.” Mas, muitas vezes, ao longo da vida, isso não lhe chegara para nada, para o gasto, como se diz. Esse seu inimigo, como as onças, parecia ser “boa pessoa”, mas tinha apenas “boa educação”, “modos afáveis”. Ao longo da vida profissional de Artur, prejudicara-o deliberadamente com intrigas, calúnias, mentiras. Mas Artur não deixara de lhe falar. O outro era inteligente, fazia as coisas como quem não as faz, não havia forma de provar que as fizera. E, como era educado, tinha cultura e bons modos, Artur, mesmo sabendo que ele o prejudicava e prejudicaria sempre que pudesse, não conseguia deixar de lhe falar. Fora ele quem lhe dissera, com voz calma mas firme, que ele era o “homem caleidoscópico.” Vira muito mundo, mas vira coisas demais. Ele, o inimigo, que pouco saíra da sua terra, era como aqueles homens que só leram um livro, decoraram-no e sabem mais que os outros, os que leram demais e tresleram, porque misturam tudo. O “homem caleidoscópico” é isso: leu demais, viveu demais, desfoca o que vê, não consegue sequer processar as imagens do mundo que armazenou. São informações a mais, que lhe tornam o cérebro um imenso caos. De que vale ter visto mundo? Ele, pela sua dimensão relativamente a nós, é radicalmente incompreensível. Talvez valha mais ser como os que apenas leram um livro e viveram

deliberadamente pouco! Sim, porque o inimigo e colega tinha objetivos bem definidos, melhor que ele. Consultou então o Mago. “Uma certa inveja? Por quê?” “Ele tem muito mais inteligência que eu”, disse, referindo-se ao inimigo. “Apreende o mundo com leveza e sem esforço, ao seu lado sinto-me tolo, com ar bovino e olhar de cão.” O Mago olhou-o, era pago a peso de ouro pesado. “Nesta vida, como nascemos continuamos. Somos actores. Com sorte, dão-nos um papel que conseguimos representar...” “Talvez”, respondeu Artur. “Mas, se represento um papel, quem escreve a peça? A quem me posso dirigir?” O Mago queimou-o com os olhos. “Tens ar de quem já levou bastante pancada e não a queres dar porque sabe que dói! Queixas-te? Deves ter esperança, remete-te ao teu papel, procura entendê-lo, a vida é surpresa. Podes ter sorte, talvez acreditem que és apenas um mau actor. Podes ter surpresas; são elas que nos mantêm vivos!”

Carlos Mota.